

RAIVA – uma zoonose

Isabele Rodrigues dos Santos¹, Mariany de Lima Pessoa¹, Letícia Estevam²

¹ Discente no curso de Medicina Veterinária - Faculdade Universo - Belo Horizonte/MG

¹ Discente no curso de Medicina Veterinária - Faculdade Universo - Belo Horizonte/MG

² Docente no curso de Medicina Veterinária - Faculdade Universo - Belo Horizonte/MG

INTRODUÇÃO

A raiva existe há mais de quatro mil anos e é considerada a primeira enfermidade que os animais, no caso, o cão, poderiam transmitir aos seres humanos, com severidade de ser praticamente 100% letal. A interação entre seres humanos e animais requer o desenvolvimento de atitudes conscientes para que seja mantido o equilíbrio biológico entre as diversas espécies.

A raiva é uma das mais importantes zoonoses e representa sério problema de saúde pública e apresenta ampla distribuição geográfica.

Sendo enfermidade infecto-contagiosa, afeta predominantemente mamíferos domésticos e selvagens e é causada por um vírus, que apresenta como principal característica comprometer o Sistema Nervoso Central (SNC) sob a forma de encefalite, com sinais nervosos ora representados por agressividade, ora por paresia e paralisia.

A raiva é amplamente estudada desde tempos remotos.

METODOLOGIA

Os dados do referido trabalho foram coletados por meio de pesquisas bibliográficas em artigos científicos e livros. Será abordado o agente etiológico da raiva, suas formas de transmissão, controle e profilaxia da doença.

RESUMO DO TEMA

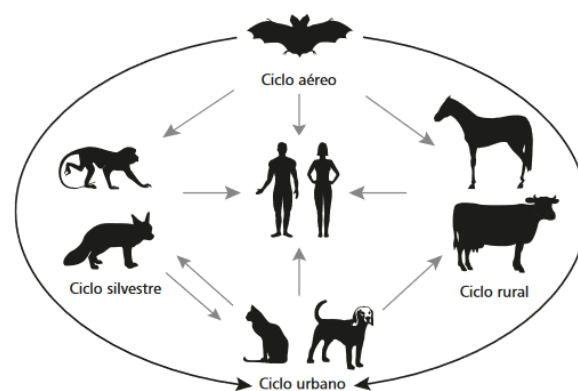
O agente etiológico da raiva é um RNA-vírus pertencente à ordem Mononegavirales, da família Rhabdoviridae e do gênero *Lyssavirus*. O vírus é usualmente mantido num hospedeiro principal que pode ser o cão, o gato, o homem, os carnívoros selvagens ou o morcego, não ocorrendo diferença de susceptibilidade entre os sexos. Geralmente, uma espécie particular serve como reservatório importante para determinada região geográfica. A raiva é uma enfermidade passível de controle no ciclo urbano, pois apresenta alta prevenção, permitindo medidas eficientes de intervenção tanto junto ao ser humano quanto à fonte de infecção animal.

A transmissão da raiva se dá pela penetração do vírus contido na saliva do animal infectado, principalmente pela mordedura e, mais raramente, pela arranhadura e lambedura de mucosas. O vírus penetra no organismo, multiplica-se no ponto de inoculação, atinge o sistema nervoso periférico e, posteriormente, o sistema nervoso central. A partir daí, dissemina-

se para vários órgãos e glândulas salivares, onde também se replica e é eliminado pela saliva das pessoas ou animais enfermos.

No ciclo urbano, as principais fontes de infecção são o cão e o gato. No Brasil, o morcego é o principal responsável pela manutenção da cadeia silvestre. Outros reservatórios silvestres são: macaco, raposa, coioote, chacal, gato-do-mato, jaritataca, guaxinim e mangusto (Figura 1).

FIGURA 1: Ciclo epidemiológico transmissão raiva.



Fonte: Ministério da Saúde, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os programas de combate à raiva vêm conseguindo bons resultados. A raiva canina e humana decresceu consideravelmente no Brasil, apesar do aumento de casos transmitidos por morcegos. Observa-se uma associação direta entre o desenvolvimento de ações de controle e o resultado na diminuição do número de casos de raiva. Para o controle ter boa eficiência deve-se ter uma vigilância adequada, ter uma cobertura vacinal constante ano-a-ano, manter o padrão de apreensão de animais errantes e ter uma boa educação da população, em relação à doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Babboni, Selene Daniela; Modolo, José Rafael. Raiva: origem, importância e aspectos históricos. UNOPAR Científica. Ciências Biológicas e da Saúde, v. 13, n. Esp, p. 349-356, 2011.
2. Fundação Nacional de Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. Brasília: Funasa; 2002.